

GUIMARÃES ROSA, O PACTÁRIO DA LÍNGUA

José Carlos Garbuglio

A proposição que me é feita: estudar os aspectos experimentais da prosa de Guimarães Rosa, leva-me a estabelecer restrições de campo e de expectativa. Mais afeito ao tratamento literário do texto entendo que devo privilegiá-lo, deixando para um plano menos importante o dado especificamente lingüístico em seu modo de produção e realização, já bastante aquinhoado no presente caso.

Isto significa deslocar o estudo da palavra em si mesma para o estudo da posição que ela ocupa na frase, para o sistema de travamento do texto, responsáveis pela emersão das peculiaridades que identificam o escritor. Além do mais, o estudo dos processos de formação de palavras e suas singularidades lingüísticas já se encontra em estágio relativamente adiantado, com trabalhos de muito boa qualidade. Muito resta a fazer do outro lado. Por isto é preciso insistir, ainda mais, no relacionamento da linguagem de Guimarães Rosa com a poesia e com o contexto onde ela mergulha fundo suas raízes e extrai a substância que lhe nutre a seiva. Mais afim com o espírito do próprio autor, o método permitirá um modo mais enriquecedor de provocar as relações do texto e da língua onde se alargou o âmbito da experimentação, cujas origens, no Brasil, de modo sistemático, se pode situar nos anos vinte com a aventura modernista.

Embora apresente um caráter pragmático inerente ao objeto que pretende atingir, essa prosa experimental propicia a iluminação do momento, enquanto deflagra o combate às estruturas viciadas dos começos do século, iniciando a escada renovadora. Paralelamente a esse traço combativo e demolidor de velhos pre-

conceitos, sobreexiste a preocupação com a criação de modelos, ou melhor, com o oferecimento de sugestões para um modo diverso da utilização da língua.

Assim, se os modelos do passado se mostram inadequados, como proceder no presente? Ao negar o existente, qual a forma alternativa capaz de viabilizar os novos anseios? Esta preocupação parece estar sempre presente na obra dos prosadores da década de vinte, provocando duas conseqüências opostas. É positiva na medida em que torna a experimentação uma constante e obriga o escritor a aderir ao seu grupo, ao seu tempo, inserindo-o no espaço e na história que lhe são contemporâneos; é negativa enquanto leva o escritor a julgar-se portador de missão a cumprir, o que circunscreve sua obra fazendo-a perder a naturalidade, forçando-a a responder aos ingredientes do programa de forma concreta ou velada. Com o passar do tempo, estes traços se dissolvem e deixam de atuar sobre o comportamento dos escritores.

À altura em que Guimarães Rosa inicia a publicação de suas obras, pode-se dizer que este tipo de problema já está superado, deixando o escritor em liberdade para escolher o caminho com independência das pressões exercidas pelo meio. Tanto pode ocorrer o dado experimental como outro compromisso qualquer. A mesma preocupação com a palavra envolve agora esfera mais ampla de debate e de intenções, com objetivos que vão além do puro combate para colocar-se no centro dos grandes problemas que agitam o homem contemporâneo. Para melhor compreender e iluminar esta palavra, entretanto, antes que destacá-la é preciso justamente vê-la em função do texto onde ela ganha realce e se explica. Adquire a precisão que o sentido dicionarizado não lhe pode conferir, como se pode ver aqui: "Os fatos passados obedecem à gente; e os em vir também. Só o poder do presente é que é furiável? Esse obedece igual — é o que é. Isto já aprendi. A bobéia? Pois, de mim, isto o que é, o senhor saiba — é lavar ouro. Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade?" (GSV, 1 ed., p. 339).

Um dicionário, ou mesmo um razoável conhecimento da língua é suficiente para elucidar o problema do significado das palavras tomadas em si, do mesmo modo como o sentido que lhes confere o código. Não basta, no entanto, para resolver o problema mais complexo da singularidade do texto, do conjunto de fatores que peculiarizam a utilização dessa linguagem e a levam à suposição de que o centro de interesse se encontra em outro ponto, talvez menos visível a olho nu, menos dócil ao olhar comum.

A palavra só permite, com certeza, o desabrochar de todas as possibilidades que lhes observamos quando em função da frase e do texto. É preciso dinamizá-la para que se explorem e reconheçam as diversidades e as causas que lhe facultaram o enriquecimento, quando pôs em movimento as suas virtualidades.

Não se pode, pois, dar especial relevo à palavra, isolando-a, sob pena de incorrer em desvios, beirar o equívoco e mesmo correr o risco de sair dele de mãos vazias. Não que a palavra não tenha importância — ela é o miolo da frase, o centro de tudo — mas isolá-la e examiná-la em sua independência, em sua constituição, pode conduzir justamente ao erro de apagar as nuances que foram iluminadas pela posição ocupada na frase, pela rede criada pelo texto com a intenção de destacar e valorizar certos aspectos, criar o clima necessário à apreensão do sensível, do latente. O isolamento pode levar à diluição e mesmo à negação do aparecimen-

to daquilo que o escritor procurou provocar na utilização da palavra e em sua forma de relacionamento para fazer desprender-se o virtual, de que ela é portadora.

Nessa linha de exposição, fica implícito um segundo e grave problema. Ao lado do perigo do isolamento, a palavra traz consigo uma riqueza escondida, que o tempo e o uso apagaram, a ponto de as pessoas não mais perceberem o sentido e o valor aí resguardado. Com o desgaste que lhe acompanha a manipulação, a sua eficácia se reduziu e mesmo se anulou, pela ação dos mais diversos agentes. Assim para resgatar o poder de origem e restituir seu valor é necessário repensá-la em profundidade, a fim de poder reexaminá-la e avaliar os múltiplos elementos que ela contém em estado virtual. É preciso colocá-la em situação, na frase e no texto, para obrigar a emersão dos valores amortecidos ou menos visíveis, fazê-la abrir-se e desvelar o mundo que guarda quando em estado de dicionário, só e paralizada.

Dentre os principais obstáculos a superar com o intuito de estabelecer este reencontro conviria destacar o representado pelo peso das convenções, fruto das várias normas, que perturbaram o sentido inicial e corromperam o valor da palavra. Ao afastá-la de suas fontes, do espaço que a gerou, ela perde os pontos de relacionamento, se metaforiza ou "artificializa". Acho, pois, que sem imprimir um duro trabalho de desconvenção será difícil enxergar além da aparência, além da fachada que deixa entrever. Estou certo de que este é um dos grandes objetivos da obra de Guimarães Rosa: pôr a palavra em situação, sacudir o pó que cobre a superfície, obrigando a vê-la mais dentro, mais no miolo. Isto significa também eliminar o peso da temporalidade, desobstruir os caminhos e facilitar a religação com aquele espaço, com a pureza perdida.

Há pelo menos dois grandes momentos em que sua obra metaforiza esse aspecto e que podem ser tomados como ponto de partida para outras incursões. Curiosamente, ambos jogam com a cegueira para tornar evidente como certos hábitos dificultam ou impedem a percepção da realidade na múltipla variedade de seus contornos e riqueza. O primeiro desses momentos encontra-se em "São Marcos", conto de *Sagarana*. A personagem principal tem o hábito de freqüentar um bosque onde se demora na contemplação do espetáculo de cores e movimento que a paisagem lhe oferece. Certo dia, de repente, vê-se privado da visão. O primeiro momento é de alvoroço e desorientação, como se houvesse perdido as balizas do mundo e estivesse irremediavelmente perdido. Aos poucos revém o equilíbrio e a nova situação ganha outras coordenadas: "Tempo assim estive, que deve ter sido longo. Ouvindo. Passara toda minha atenção para os ouvidos. E então descobri que me era possível distinguir o guincho do paturi do coicho do arri, e até dissociar a corrida das preás dos pulos das cotias, todas brincando nas folhas secas.

Escuto, tão longe, tão bem, que consigo perceber o pio labial do João-pinto que se empoleira sempre na sucupira grande. Agora, uma galinhola cloqueou, mais perto de mim, como uma franga no primeiro choco. Deve ter assestado o róstro por entre os juncos. Mas o João-pinto, no posto, continua a dar o seu assovio de açúcar

Tão claro e inteiro me falava o mundo, que, por um momento, pensei em poder sair dali, orientando-me pela escuta. Mas, mal que não sendo fixos os passarinhos, como pontos de referência prestavam muito pouco. E, além disso, os sons

aumentavam, multiplicavam-se, chegando a assustar. Jamais tivera notícia de tanto silvo e chilro, e o mato cochichava, cheio de palavras polacas e de mil bichinhos tocando viola no oco do pau." (*Sagarana*, 6 ed., 1964, p.246/47).

Embora possa ser vista sempre como mais uma forma de mutilação, antes que diminuir, a cegueira amplia a faixa de percepção, ao revelar dobras até então ignoradas do mundo, de modo a complementar a realidade, anexando o desconhecido e ignorado ao visto. O homem se abre para acolher outras sensações que enriquecem o seu universo. A personagem não podia sentir essa vertente daquela realidade porque estava condicionada a ver aquilo que a aparência lhe punha na frente e lhe ficava como a ilusão da realidade. Viciada a ver sempre a mesma coisa, seus órgãos se embotaram e atrofiaram, cortando ao meio sua função.

Com alguma diferença, e este é o segundo caso, a mesma coisa acontece com Miguilim, personagem homônima do conto inserto em *Corpo de Baile*. De rara sensibilidade e intuição, Miguilim tem em sua miopia uma barreira que o impede de confirmar o que intui da realidade e não pode deste modo conferir, até que... alcança a revelação: "— Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? Vamos até lá. Quem é que está em tua casa?"

— É Mãe, e os meninos. . .

Estava Tio Terêz, estavam todos. O senhor alto e claro se apeou. O outro, que vinha com ele, era um camarada. O senhor perguntava à Mãe muitas coisas do Miguilim. Depois perguntava a ele mesmo: — "Miguilim, espia daí: quantos dedos da minha mão você está enxergando? E agora?"

— Miguilim espremia os olhos. Drelina e a Chica riam, Tomesinho tinha ido se esconder.

— Esse nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim. . .

E o senhor tirava os óculos e punha-os em Miguilim, com todo o jeito.

— Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos da areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão, de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo. "Campo Geral", in *Corpo de Baile* 2 ed., p.81/82).

Usando deste meio o escritor faz a personagem furar o bloqueio imposto, no caso, pela limitação física, para enxergar além das coisas que a superfície lhe mostra. Trata-se evidentemente de um truque através do qual se metaforiza a separação entre indivíduo e realidade, provocada pela insuficiência dos instrumentos disponíveis para ver o que está na frente dos olhos, sem ser percebido. É que entre o olhar comum e o universo se interpôs uma barreira que o tempo só fez engrossar. Ora, olhar comum, quer dizer principalmente olhar condicionado, incapaz de reagir em face daquilo que o hábito pôs e põe cotidianamente diante dos órgãos da percepção a ponto de amortecer o potencial. A retirada dos impedimentos, portanto, implica o trabalho de descondicionamento de hábitos e restituição dos privilégios da sensibilidade que torna a se livrar à percepção do mundo sem a intermediação parcializadora das coisas, mas deixando claro o processo fragmentário a que a visão foi submetida.

A principal dificuldade a superar de modo a tornar perceptível este universo está na superação da própria linguagem que manuseamos, pois à força de tanto

repeti-la, do uso dos mesmos esquemas e torneios, o leitor, o homem se deixa tomar por uma espécie de indiferença. Indiferença que tem de ser quebrada. Pois cansado das mesmas formas, exaustivamente estereotipadas, ele responde automaticamente aos estímulos, ou desestímulos, do meio sem se dar conta do que, na verdade, está ocorrendo. O hábito erigiu barreiras que só se removem com o aparecimento de um elemento novo, estranho e perturbador da tranquilidade reinante.

Está visto que fator importante é o que se verifica no confronto entre o velho ou envelhecido pelo uso, portanto, condicionador, e o novo, entendido como possível descondicionador. Bastaria, no caso, lembrar que a simples presença de um dado novo, estranho ao comum, provoca imediatamente reações, obriga a reconsiderações, origina de pronto o princípio da desautomação. É sempre necessário muita força para furar o bloqueio existente: "isso é um ofício. Tem de falar e sentir, até amolecer os cascos da alma". (São Marcos, p. 105).

Em Guimarães Rosa parece que mais importante que a inovação, é o processo de renovação com o qual ele imprime outra vitalidade à língua, provendo-se no manancial já existente. A partir de elementos conhecidos ou em disponibilidade na língua, elabora textos em que a surpresa está sobretudo na forma de organização das palavras que se singularizam de modo a efetivar a remoção dos obstáculos que dificultavam ou impediam que ela fosse sentida com maior força, sem perda ou entropia desnecessárias. E o escritor tem consciência muito clara de que o uso e a manipulação indevida desgastou e degradou a pureza original da palavra, cuja recuperação é fundamental para o reencontro do homem consigo mesmo. Decorre dessa atitude uma espécie de busca do momento gerador da palavra para possibilitar a comutação com aquele instante auroral, retomando-a no estado mais distante e mais puro: "sim, que, à parte o sentido prisco valia o ileso gume do vocábulo, pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fôra se jamais usado" ("São Marcos"), isto é, sem a debilitação produzida pelo uso. Nessa linha de raciocínio é que eu colocaria a afirmação de Guimarães Rosa quando procura se auto-definir em relação à língua: "Eu não sou revolucionário da língua. As pessoas que afirmam isso não têm elas mesmas o sentido da língua, porque julgam segundo a pura aparência. Se é preciso absolutamente uma classificação, eu gostaria mais que me chamassem de reacionário da língua. Porque eu quero voltar cada dia à origem da língua, ali, onde a palavra ainda está abrigada nas entranhas da alma, para que eu possa dar-lhe a luz segundo minha imagem." (*Catálogo da Exposição do Livro Alemão*, 1971, p.295).

Trata-se, pois, de voltar a um tempo ainda não deteriorado quando a palavra mantinha intactas suas virtudes e vê-la sem as deformações que o tempo viria operar. Este retorno ao espaço inicial permite revelar e valorizar os constituintes da palavra, a própria função nutritiva e vital que ela mantém nesta relação, que dá ensejo ao vaqueiro Grivo, ainda do "Cara de Bronze", dizer aos seus companheiros depois de longa ausência: "Fui e voltei. Alguma coisa mais eu disse?! Estou aqui. Como vocês estão. Como esse gado — botado preso aí dentro do curral — jejú, jejú. Retornei, no tempo que pude, no berro do boi. Palavras de voz. Palavras muito trazidas. De agora, tudo sossegou. Tudo estava em ordem". . . (C.B., 3 ed., p.124). A palavra viva traz harmonia ao meio perturbado pela ausência. Fonte de equilíbrio e alimento daquele homem, a palavra é o centro do universo.

Não se trata, pois, de inventar outra língua, nem mesmo de inflacionar seu léxico de novos termos, mas de um processo centralizado na renovação, portanto na reavaliação e revalorização dos extratos já existentes, do aproveitamento das velhas matrizes da língua e de exploração de suas potencialidades. Importaria, talvez, indagar como se faria essa renovação e quais os caminhos a percorrer para realizá-la. É nesta direção que se levantariam três questões cujas respostas podem constituir a chave do processo: 1) porque renovar; 2) como renovar; 3) para que renovar.

A necessidade de renovação é conseqüente à constatação de que entre o homem e a palavra houve um enorme afastamento que tem de ser superado para o restabelecimento da harmonia perdida. Quebrá-lo, significa quebrar vícios, hábitos, preconceitos, prejuízos, tudo o que impede a pessoa de ver e sentir além da pura aparência. Na verdade, entre homens e palavra houve uma degradação, ambos perderam a pureza, tornando-se muitas vezes estranhos e mesmo incompatíveis. O peso da cultura e da história, as várias formas de herança depositadas pelo tempo o aprisionaram nas malhas de artificialismos criados em nome de "necessidades práticas", "de formas utilitárias da vida", "das coisas proveitosas". Assim "os degradados filhos de Eva" se foram mutilando e incapacitando para a voz que está dentro da palavra, para o belo nas múltiplas formas de manifestação da natureza, porque se afastou dela e do poético, perdeu as formas naturais de ligação. Já a Bíblia insistia na surdez do homem embevecido diante do bezerro de ouro, sem se dar conta de que a vida se escoava a sua frente sem nenhum retorno. Perdido o sentido da revelação e da naturalidade, ficou cego diante do próprio destino.

Esta posição fica bastante clara quando se constata a atitude do chamado homem prático, em especial, o burguês que veio perdendo o ouvido para essas coisas, "essas maluquices de loucos e desempregados". Sem pôr de lado o sentido prático e imediato "das coisas" não se pode perceber a imensa riqueza do universo, intencionalmente fragmentado por aqueles homens que se mutilam e mutilam a própria vida.

Há várias passagens na obra de Guimarães Rosa que deixam muito claro este aspecto, como o que se pode ver no conto "Cara de Bronze": um rico e poderoso fazendeiro, parafítico vive trancado num quarto escuro embalado pelos cantos do violeiro especialmente contratado para "inventar" o canto "sem ter sossego de espírito". Saudoso de seu antigo mundo, de onde se afastou há muito, quer notícias dele, mais que isto ele quer certas imagens dele, imagens onde pulse a vida. Para consegui-las procede a uma seleção entre seus vaqueiros, fazendo recair a escolha sobre o Grivo, que é dentre eles o menos prático, porque ele é possuído de raro amor à palavra a que infunde vida e poesia. Enviado àquelas longínquas terras, traz delas imagens de raro poder de sedução e beleza, com que sugere o espaço ansiado para a grande alegria do "Cara de Bronze", cujo traço saliente, na velhice, é a separação do homem prático que foi, pois ele "começou, mas vagaroso, feito cobra pega seu ser de sol. Assim, foi-se notando. Como que, vez em quando, ele chamava os vaqueiros, um a um, jogava o sujeito em assunto, tirava palavra. De princípio não se entendeu. Doidara? Eh, ele sempre tinha sido homem-senhor, indagador que geria suas posses. Por perguntar noticiuzinhas, perguntava, caprichava nisso. Só que agora estava mudado. Não requeria relatos de campeação,

do revirado da lida: as querências das vacas parideiras, o crescer das roças, as profecias do tempo, as caças e as vindas das onças, e todos os semoventes, os gados e pastos. Nem não eram outras coisas proveitosas, como saber de estórias de dinheiro enterrado em alguma parte, ou conhecer a virtude medicinal de alguma erva, ou do lugar de vereda que dá o buriti mais vinhoso. Mudara. Agora ele indagava engraçadas bobéias, como estivesse caducável.

À vez, ele mesmo parecia ter vergonha daquilo... Variava o meio da conversa...

— Que era que?

— Essas coisas... Quisquilha. Mamãezice... Atou e desatou...

Aquilo não tinha rotinas...

— Tudo.

O vaqueiro Calixto: Tudo galã, galante...

O vaqueiro Abel: Era um advôgo. O que não se vê de propósito e fica dos lados do rumo. Tudo o que acontece miudim, momenteiro. Ou o que vive por si, vai, estrada vaga...

O vaqueiro José Uéua: Assim: — mal se sente é na ponta da língua...

O desafã. Por exemplos: A rosação das roseiras. O ensol do sol nas pedras e folhas. O coqueiro coqueirando. As sombras do vermelho no branqueado do azul. A baba do boi da aranha. O que a gente havia de ver, se fosse galopando em garupa de ema. Lualal. As estrelas. Urubus e nuvens em alto vento: quando eles remam em vôo. O virar vazio por si, dos lugares. A brotação das coisas. A narração de festa de rico e de horas pobrezinhas alegres em casa de gente pobre... (“O Cara de Bronze”, in *No Uruaúquá, no Pinhém*. 3 ed., Rio, José Olympio, 1965, p.99/100).

A partir do momento em que o fazendeiro desloca sua atividade da ocupação proveitosa para “essas poetagens”, ele próprio é visto como um louco que passa a se preocupar com algo marginal à corrente daquelas vidas, do ramerrão. O violeiro contratado para cantar e inventar canções é um vagabundo “sem merecimentos”, de atividade parasitária e marginal, fora do proveitoso e útil... Aliás, somente os marginais é que estão aptos a perceber a importância da palavra e o poder de revelação que trazem dentro de si como um segredo inviolável. Apenas os loucos e os marginais é que mantêm o estado de pureza propício à recepção da voz que está dentro de cada palavra. Os patrões, homens práticos, se afastaram em demasia do espaço gerador para ficarem cativos do seu encanto e do seu sentido. O morro fala para os não contaminados e suas palavras surgem como um ato sacral que ocorre num espaço igualmente sagrado sem as fissuras e violações que a fragmentação provocou no mundo do proveito, do lucro e do logro.

Na verdade, o que se deu foi a mutilação da sensibilidade que se reduziu, reduzindo a dimensão do homem. Reagindo aos estímulos sociais, condicionado pela herança, pela pressão, sempre crescente do meio, produtora de mecanismos ao não degradado, deixou-se estar à mercê do produto que a sociedade põe ao seu dispor, sem que sua vontade ou capacidade crítica interfira na escolha e opção. Para resgatá-lo em sua inteireza é preciso descondiçaná-lo dos mecanismos atrofiadores, ou eliminar esses mecanismos.

Há uma grossa cortina que é preciso remover para reencontrar o homem atrás dela em sua inteireza, em sua totalidade. Como fazê-lo? Existe uma clara iden-

tidade língua x vida. Tocando-se uma, toca-se naturalmente a outra. Se se desativar, pois, os condicionamentos lingüísticos, é possível restaurar as virtudes diluídas. Na obra de Guimarães Rosa podem ser detectados inúmeros processos que objetivam a desautomação dos hábitos de leitura, dos estereótipos lingüísticos, dentre os quais se destacam os seguintes: inversões, deslocamentos, hipérbatos, elipses, repetições, deformações, estranhamento, todas as conhecidas figuras de linguagem, cujo alvo central é evitar de qualquer forma o lugar comum, a palavra desgastada, parte de uma ingente tarefa de reaver o espaço mais puro e mais produtivo da ação e da palavra para reativar sua eficácia e esboçar sua plenitude.

Sem estar muito preocupado com uma severa ordem, examinemos alguns desses processos, a partir de exemplos extraídos de diferentes livros de Guimarães Rosa.

“O que eles têm para comer? Comem suas mãos, o que nelas estiver. Doendo em sua falta de saúde, povo na miséria, nos buraquinhos.” “O Cara de Bronze”. p.379). O hipérbato que se pratica aqui — suas mãos — apresenta incrível força descondicionadora. Mais ainda, ele não desloca apenas o objeto direto, mas a própria ação de comer que encampa a idéia de violência, unindo fome, desespero e miséria que chegam à sensibilidade antes de atingir a compreensão, naturalmente instigada a rever as causas do fenômeno. Embora o objeto direto do verbo comer venha depois atenuar o ato de violência ele chega muito tarde ao espírito do leitor, já nesse momento perturbado pelo impacto inicial. Assim, a violentação a que o homem é submetido, encontra na frase a expressão de toda a sua intensidade, na medida em que ela descondiciona as formas usuais e altera a passividade da leitura, violentando a própria sensibilidade sacudida pelo impacto do inusitado.

Veja-se ainda este caso de hipérbato: “E eu — mal de não me consentir em nenhum afirmar das docemente coisas que são feias - em me esquecia de tudo, num espairecer de contentamento, deixava de pensar.” (GSV, 1 ed., p.31), em que a frase aparece toda torcida como num esforço de torção do pensamento que se recusa à linha reta ou para se desviar do ponto ou para ressaltar o componente agradável, mas eticamente condenável. De qualquer maneira se se quiser acompanhar a linha do jogo mental é forçoso retornar sobre o texto, rever os esquemas formulados de modo a contrariar nossos hábitos, os vícios que levam a ver sem enxergar.

Exemplos dessa forma de violentação dos hábitos se repetem com frequência ao longo de toda sua obra e aparecem como elemento distintivo de seu modo de escrever. Outro traço bastante comum (estou procurando os menos vistos até agora pela crítica) é o que se pode observar também nesses exemplos: “Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim” (GSV, 1 ed., p.28), ou “Figuração minha, de pior para trás, as certas lembranças” (GSV, p.12). É incrível a força deslocadora deste AS e sua capacidade de rompimento dos condicionamentos da leitura. À primeira vista, parece algo mais que pleonasma, qualquer coisa que acrescentada sem função específica, mas que enriquece a frase e produz o encanto que não encontraríamos normalmente, neste jogo que se arma entre a determinação do substantivo e sua indeterminação, juntando o certo e o provável. O traço inusitado amplia a eficiência estilística, rasgo essencial da prosa de Guimarães Rosa, ao mesmo tempo em que se reflete, de modo crítico, os hábitos que vamos sedimentando sem dar conta do esmagamento dos sentidos.

Mais um exemplo: "Pois, fizerem eu saio do meio de vós pra todo o nunca." (GSV, p.39), ou "as muitas demais vezes, sempre" (GSV, p.40). Há vários expedientes que são utilizados aqui: elipses, reforço, pleonasmos, troca, substituição, graças ao que, a frase dá relevo à palavra que assim reassume seu posto de importância, o poder de revelação e poesia, ao recuperar o traço ainda virgem, sem as mutilações que o degradaram para os nossos ouvidos. A frase tem um sabor de coisa primitiva que é mais um dado a compor o quadro das relações anteriores ao aviltamento. A palavra capta e traduz o ato reaproximativo entre o homem e o espaço natural, exatamente propiciando a compreensão do afastamento entre ambos. Assim também o recurso do estranhamento funciona como meio para restaurar a dimensão perdida, arranca-o da imobilidade a que o atirou a sociedade que se artificializou e desorientou.

Ainda um exemplo para melhor situar este quadro de considerações: "E um Jisé Simplício — quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que executa; razão que o Simplício se empresa em vias de completar de rico." (GSV, p.10). Aqui se multiplicam as formas de chamar a atenção sobre as palavras, deformando-as e alterando seu sentido costumeiro, bem na linha do popular que se exala da atmosfera do texto, em especial neste Jisé Simplício. De um lado a metátese e de outro o desenvolvimento da vogal parasitária, muito comum em camadas populares de certas regiões brasileiras. De mesmo sabor se encontra o famoso compadre meu Quelemem, como deformação de Clemente. Mas o caso mais interessante de estranhamento, verificado no exemplo, é o do emprego de "quem", a funcionar como sujeito de "tem" e que infunde bem essa idéia de princípio dinâmico no interior do texto, para expressar a ação daquele que se "empresa" (torna-se) empresário, e está em vias de enricar, rompendo com o velho emprego gramatical do pronome. Emprego semelhante ocorre no "Cara de Bronze", nesta belíssima frase: "Querida que se achasse para ele o quem das coisas. Contrariando todas as normas da gramática, o pronome se infunde de tal força viva que acaba por refletir com muita propriedade a idéia de coisa viva, de elemento dinâmico, vivificador de fatos e objetos. O que se procura não é o relato morto das coisas, mas a feição viva do mundo que o Grivo foi buscar; não é a descrição do espaço da memória do Cara de Bronze mas a impressão viva que a paisagem deixou no espírito do vaqueiro-poeta, que se apossa daquele mundo.

Importa relevar nessa linha de considerações que todos esses expedientes levam a reconsiderar a palavra no seu sentido mais próprio, menos corrompido e desgastado. Sobretudo mostra como operar a descontinuidade, com o fim de evitar o aguardado, ou vendo pelo avesso, como produzir o diverso, o novo.

Assim, à última pergunta formulada, para que renovar, já se pode ensaiar uma resposta. O levantamento feito até aqui evidencia luta, que é constante em Guimarães Rosa, contra o lugar comum, contra a frase feita, contra todas as formas de desgaste da linguagem, de fixação e cristalização, de parada, contra a idéia de língua estática, que somente pode gerar respostas automatizadas, ou no máximo, neutras, pois refletem estado de dependência do homem ao sistema que o cerca e do qual passa a ser mero reflexo, sem possibilidade de atuar, modificar, ou sobre o qual agir criticamente. Torna-se, assim, vítima passiva de estruturas que, em geral, não consegue discernir, uma vez que foi condicionado pelos pa-

drões que essas mesmas estruturas lhe impuseram e determinaram o comportamento.

Este ponto revela a indigência extrema a que chegou o homem de sensibilidade atrofiada, de hábitos mecanizados e, pois, incapaz de perceber, de sentir a linguagem que é seu instrumento de ação mais poderoso. Por via deste raciocínio se pode ver com clareza a importância dos processos de desconvenção, especificamente os veiculados pela linguagem literária, que se tornam elementos atuantes no ato de perturbar estruturas mentais, e até mesmo, alterar a ordem das coisas, porque a "língua é o espelho da existência e da alma".

Para mudar, no entanto, não basta boa vontade, é preciso saber a partir de onde a ordem pode ser modificada e melhorada e principalmente como agir diante das coisas, pois o anseio de melhorar é um ato de generosidade, nem sempre suficientemente avaliado em todas as suas implicações. "Os autores jovens, com certeza, também na Alemanha, querem melhorar o mundo, isso não contesto absolutamente. Seguramente, eles têm intenções honestas e boas. Mas todos juntos, não vão conseguir, não vão legar a importância que uma única frase de Goethe tem para o destino do homem e o seu futuro. **SÓ SE PODE RENOVAR O MUNDO RENOVANDO-SE A LÍNGUA.** Nós temos de conservar o sentido da vida, devolver-lhe o sentido vivendo com a língua. Deus era a Palavra e a Palavra estava com Deus. Isto é um problema sério demais para deixar nas mãos de incapazes que gostam de experiências. O que nós consideramos hoje em dia língua falada é um monstro morto. A língua serve para exprimir idéias, mas a língua usual exprime só padrões, não idéias. Por isso ela está morta e o que é morto não pode formar idéias. Desta língua falada não se pode fazer uma língua de literatura, como os jovens tentam hoje no mundo inteiro, sem exprimi-la a fundo." (Guimarães Rosa, in Gunther Lorenz — *Catálogo de Exposição do Livro Alemão*, 1971, p. 298/299).

Realmente o perigo é sério demais e o perigo espreita cada passagem. Sem romper os padrões da linguagem comum, isto é, nossos hábitos, pouco ou nada se pode fazer. Sem pensar diversamente não se pode agir diversamente. Para subverter os hábitos que dirigem nossas ações é preciso começar por subverter a língua a fim de escapar dos modelos que nos são impostos. Se a língua e vida são uma coisa só, alterar uma implica alterar a outra, assim como sem modificar uma não se pode absolutamente pensar em modificar a outra. Doutra parte, o raciocínio conduz também a um conceito de língua como fato dinâmico a enriquecer-se e transformar-se continuamente. Vejamos o próprio G. Rosa: "Meu lema é: língua e vida são uma coisa só, quem não faz da língua o espelho de sua personalidade, não vive, e como a vida é uma corrente contínua, um desenvolvimento contínuo, assim também a língua deve-se desenvolver continuamente. Mas isto significa que eu, como escritor, tenho de prestar contas a mim mesmo de cada palavra e devo meditar sobre cada palavra tanto tempo até ela ter vida de novo. A língua é a única porta para a eternidade, mas infelizmente ela está oculta debaixo de montanhas de cinza. Daí eu tenho de tirá-la. Porque ela é a expressão da vida, e eu sou responsável para com ela..." (Idem, *ibidem*, p.293).

Tenho a impressão de que a partir destas observações também se pode concluir que houve um desgaste do valor da palavra e de sua função primordial. Diluídos pelo tempo, impôs-se a necessidade de um contínuo processo de recuperação

daquele sortilégio que ela mantinha em seus incícios, para que assim se eliminem as barreiras que o tempo depositou sobre cada uma. Fica também a idéia de que primitivamente a palavra era forte como o tempo que lhe deu origem, tinha a força e o poder das coisas puras. Ora, o peso da cultura e o tempo atuam como forma de mascaramento, de degradação que se opõe ao primitivo que guarda dentro de si o valor e a pureza originais.

Aqui já se torna possível uma primeira ligação entre essa linguagem e o sertanejo. Primitivo como aquela linguagem é um ser em busca de seu destino, ainda em estado incontaminado, pois "no sertão o homem é o que não encontrou ainda o tu; por isso são ali os anjos ou os diabos que manuseiam a língua." (Idem, *ibidem*, p.297). Extensão do homem a língua se integra na sua vida de modo a extinguir a dicotomia sujeito-objeto, ambos são uma e a mesma coisa, a ponto de se poder tomar um pelo outro. Como na vida do Sertão, não há meio termo: ou a língua é uma das formas do bem ou uma das formas do mal. De qualquer modo elemento atuante e instrumento por cujo meio se pode encontrar a salvação ou a danação. A língua é o ovo de ferro que guarda o segredo da existência; liberá-lo significa aproximar-se de Deus ou converter-se em demônio. Para o homem do sertão, entretanto, esses limites não existem, dado que ele ainda não tomou consciência do pecado original, o que lhe permite transitar de um para o outro sem qualquer problema ou constrangimento. A oração ou o tiro são apenas duas formas de manifestação onde não ingressa nenhuma noção ética.

Em termos da língua, poderíamos dizer que o mundo dos personagens de Guimarães Rosa é aquele que assistiu ao nascimento das palavras por cujos valores se nutre um respeito sacral, porque ainda se acredita em seu sentido mais puro. Mundo das origens, encontra-se, hoje, escondido atrás de sua aparência, e precisa ser descoberto por várias formas de retorno, àquele espaço e consciência. Isto me permite entender o caráter "conservador" da língua de Guimarães Rosa, do escritor que cava fundo os segredos das velhas matrizes da língua portuguesa. Auxiliado por rara sensibilidade e intuição, consegue tirar dessas matrizes as peculiaridades mais expressivas e importantes e que imprimem à língua o sabor de coisa nova, sem os desgastes amolecedores: "eu utilizo cada palavra como se acabasse de nascer e a libero das impurezas da linguagem falada e a reduzo ao seu sentido original. Por isso, e este é o segundo elemento, eu incluo na minha dicção certas peculiaridades dialéticas da minha região que não são linguagem de literatura, porque estas particularidades são ainda originais, não gastas, e quase sempre caracterizadas por uma grande sabedoria idiomática" (Idem, *ibidem*, p. 291).

Esta volta parece ter um objetivo bem definido: recobrar a confiança na palavra. Despojada das impurezas que apagaram os vestígios originais, quando o homem a produziu, motivado pela necessidade vital de veicular a experiência que acabara de viver, restabelece uma identidade entre ele e a própria palavra. É a fé na sua força, como aquele Famigerado personagem, do conto de mesmo nome, que obriga o padre a jurar com a mão em cima da Bíblia, da Escritura sagrada, para dar testemunho da verdade que está dentro do vocábulo. Mais que prolongamento do homem, a língua é ele próprio no seu modo de expressão e expansão, no grau máximo de identidade, de tal modo que se pode tomar um pelo outro.

Neste caso, a palavra passa a ser instrumento de suma responsabilidade porque ela é portadora de um real valor. Assim, confiança e responsabilidade que o escritor é capaz de transmitir ao leitor estabelecem entre ambos um pacto de confiança que o faz aceitar os graus de responsabilidade inerentes à palavra, por onde, repetindo, a pessoa pode salvar-se ou danar-se: Maria Mutema, a pecadora de *Grande Sertão: Veredas*, liberando na palavra o seu segredo consegue alcançar a salvação, livrando-se do auto flagelo e da opressão que a esmagavam; Zé Bebelo se perde porque torce o sentido da palavra, usa-a como meio para certo fim, destrói sua pureza; o pacto de Riobaldo, pura construção verbal se avoluma e domina o homem, permanece como exercício demoníaco da palavra que o arrasta para o abismo e lhe ameaça a integridade. É que a palavra não se apresenta como elemento de disfarce, utilizada para encobrir certos desígnios, mas como compromisso com seu sentido, como metáfora da sinceridade: "eu considero língua como metáfora da sinceridade. Sinceridade e a capacidade de sentir com os homens são os fundamentos da minha crença no futuro do meu país. O brasileiro ainda fala, no sentido filológico também com sinceridade. Ele deve ainda criar sua língua para si. Isso lhe obriga também a pensar com sinceridade." (Idem, *ibidem*, p. 287).

Entre o indivíduo e o país existe um compromisso. Ambos se encontram em busca do próprio destino que se realiza enquanto se forja a língua que os deve exprimir, que é ele mesmo. Aceitar toda a herança cultural transmitida pela língua já pode ser a falsificação da realidade de ambos, porque não corresponde nem à vida nem às necessidades básicas do povo, dado que este não partilhou da elaboração daquela. Daí também a importância maior que assumem o sensível e o intuitivo como formas de apreensão do mundo, assim como todos os paradoxos que constituem a natureza de nossa formação e atuam na dinâmica deste homem e de sua língua para determinar o quadro que o emoldura.

É preciso afastar todo princípio racional incapaz de responder às demandas dessa gente, e dar à sensibilidade e à intuição toda responsabilidade na captação das coordenadas do mundo. De fato, o aprendizado e a experiência somente ingressam por via da sensibilidade. Apenas os sentidos estão aparelhados para apreender e traduzir as sensações que espelham a imagem das coisas visíveis e, com frequência, também das incaptáveis pelo olhar comum, no caso, pelo olhar deformado pelo mil óbices que se interpoem entre um e outro. O Grivo de "O Cara de Bronze", escolhido entre os vaqueiros, recebe a incumbência de ir a longínquas terras, donde proveio o patrão, a fim de trazer notícias delas, melhor, formas de lembrá-las e revivê-las. Ele é o intuitivo que tem suficiente poder para receber e produzir imagens de força poética capaz de comover toda gente, independentemente de sua proximidade ou afastamento com aquele mundo. Ele não buscou pedaços daquele rincão, mas produziu imagens próximas duma sensibilidade ainda não degradada e, assim, capaz de reagir a sua sedução. No "Recado do Morro", vizinhos dele, apenas os doidos apresentam sensibilidade para a mensagem do morro e a sua emissão vibra, reagem ao apelo da palavra, à verdade que ela transmite, porque são os únicos que alimentam a fé no seu poder.

As observações feitas aqui destacam um fato de grande importância nesse contexto: apenas os marginais da vida prática têm disponibilidade para a palavra à-toa, sem utilidade, e se deixam seduzir pelo seu canto de poesia, "irmã tão in-

compreensível da magia” onde se encontra a vida em sua plenitude, mas que se nega à abordagem por via da razão, ineficiente para alcançar os paradoxos da existência e a riqueza de suas tonalidades.

Fundamentalmente, o problema é que estas pessoas vivem fora dos esquemas embrutecedores e condicionadores da ação, estão ainda muito próximos da pureza original. Sentem naturalmente o impacto do mundo e a voz da palavra o que leva a considerar que sem um duro trabalho de desobstrução dos hábitos, o homem está condenado a viver pela metade, ainda mais grave, a se deixar mutilar sem esboçar qualquer reação, qualquer revolta. O ponto mais alto desta aproximação aos começos da linguagem, quando chega a haver quase uma indistinção entre o humano e o natural, se dá no *Meu Tio, o Iauaretê* onde a palavra desdobra as franjas do virtual e se enriquece de maneira a permitir a emersão sugestiva da imensa gama de valores que se ocultavam sob a aparência. Aqui as latências cobram forma e a sensibilidade comum reconhece sua pobreza quando, estarrecida, assiste à aparição de um mundo insuspeitado. Revelando a natureza mais profunda das coisas e dos seres, a palavra adquire estatuto de poesia.

A capacidade de trazer à tona as faces menos visíveis da realidade, que o olhar ordinário não pode perceber, se deve especialmente à utilização de mecanismos que levam ao rompimento dos esquemas consagrados. Facilita-se a quebra de expectativa e se ultrapassam os estereótipos e os clichês que fizeram adormecer a sensibilidade, diminuindo seu poder de captação. Os órgãos do homem se desentorpecem e se livram de novo às experiências que o universo lhes oferece a cada minuto. A mutilação que dividiu o homem em vários perde sua função porque ele volta a sua inteireza e se harmoniza de novo com o espetáculo da vida. O mundo lhe fala outra vez sem os mediadores que os estavam intermediando e por isso mesmo destruindo.

Já se pode ver aqui que este modo de tratamento da língua reflete vigoroso poder de subversão, pois revoluciona os esquemas normativos e consagrados para se propor como descondicionante dos padrões sociais e das estruturas impostas ao homem a ponto de anular sua individualidade. Existe um duplo movimento de artificialização da vida que se afasta cada vez mais do natural e da língua que se torna cada vez mais rígida, mais cheia de lugares comuns, frases prontas representativas de padrões, não de idéias ou individualidades. Guimarães Rosa tem nítida consciência do bloqueio que existe impedindo que ambos exerçam sua função mais específica: manter a individualidade. Para isto é importante manter acesa a luta que evita o afastamento entre ambos e deixa triunfar as formas impostas. De fato, sem esta luta corre-se o risco de ser anulado pelo predomínio das imposições que pesam sobre cada um de nós. Posta acima do indivíduo a sociedade tende a anulá-lo, esmagando-o pela força duma linguagem sempre portadora dos ideogramas das forças conservadoras.

Sem remover, portanto, as estruturas “paralisadas” de pensamento, isto é, aquelas estruturas de linguagem congeladas, nenhuma esperança existe de modificação das coisas, nenhuma possibilidade de renovação. Nas sociedades fechadas, sociedade do provérbio e das formas fechadas de pensamento, a linguagem se deixa cristalizar, paralisando-se em formas imodificáveis, porque a própria vida se talha pela continuidade e pela pasmaceira. Essa interação linguagem-sociedade, somente pode ser rompida se se quebrarem os padrões e as estruturas de linguagem que

lhe dão continuidade às formas de pensamento, ao transmitir para as gerações vindouras os mesmos padrões de linguagem, e, pois, de pensamento.

Produzindo um texto sempre renovado, Guimarães Rosa não permite que a língua se paralise em formas padronizadas que se retomam e repetem. Obriga uma alteração permanente nas estruturas de dizer e de pensar, levando o leitor a pensar e repensar-se continuamente dentro das coordenadas e circunstâncias do universo em que circula e vive, atua e se desenvolve, como participante real e não simples objeto. Dinamizada a língua, desenvolve-se a própria consciência da vida como movimento, contrário a todas as formas de paralisação.

Embora correndo o risco da precariedade do sentido dos termos, entendo que esta posição mais que de conservador é profundamente revolucionária e só foi possível porque Guimarães Rosa submeteu a língua a um processo constante de pesquisa, de busca de nossas origens que se confunde com a origem da linguagem, com o destino do homem, hoje esmagado pelo excessivo peso da temporalidade. Comprometida com seu tempo, sua obra se concebe como vasta e permanente pesquisa, uma intensa experimentação, pois é elemento atuante e dinâmico que vive e se modifica ao impacto dos acontecimentos.

Corpo em transformação, a língua agita-se e ajeita-se para encontrar-se e encontrar a forma mais adequada. Como o homem brasileiro está à procura do próprio destino, sujeita a acomodações e imperfeições, com medo do demônio e sem coragem para crer em Deus.

Doutra parte, essa dinâmica inerente ao processo de procura e experimentações implica riscos e perigos diversos ("Viver é muito perigoso"). Assim concebida, a obra se torna produto da contemporaneidade, das circunstâncias e momento histórico, e fica, portanto, sujeita a prematuro envelhecimento, sem condições para resistir e permanecer. Seria a obra feita para não durar e o próprio escritor em sua lucidez antecipadora já previra resposta, ao afirmar "gostaria que os meus livros se tornassem já depois de amanhã ilegíveis." (Idem, *ibidem*, p.291). Eu, no entanto, acho exatamente o contrário. Diante do desafio proposto pela obra, creio no caráter imperecível dela e numa fonte permanente de poesia e beleza de que o homem, especialmente o brasileiro, não poderá se afastar, sem uma grave mutilação de si próprio.